

Brasil terá novo presidente amanhã

O presidente José Sarney embarca amanhã, às 17h20, para o Vaticano, numa viagem classificada pelo Palácio do Planalto como de trabalho, para tratar de interesses comuns ao Vaticano e ao Brasil com o papa João Paulo II, na quinta-feira, dia 10. Quarta-feira, Sarney se encontrará com Francesco Cossiga, o presidente italiano, sem agenda definida, apenas numa visita de cortesia, segundo diplomatas que estão assessorando a viagem.

Sarney e sua comitiva de 26 pessoas, da qual fazem parte apenas dois ministros — Abreu Sodre, das Relações Exteriores, e Rubens Bayma Dennys, do Gabinete Militar — farão uma escala técnica em Recife, de onde o Boeing 707 da Força Aérea Brasileira seguirá diretamente para o Aeroporto Militar de Ciampino, em Roma, com chegada prevista para às 11 horas de terça-feira. O Presidente, que estará acompanhado de sua mulher, dona Marly, além da filha Roseana e do genro Jorge Murad, ficará hospedado no Hotel Excelsior, onde receberá parlamentares que fazem parte do Grupo de Amizade Interparlamentar Italo-Brasileiro.

Moreira assume

Com um sobrio e simples aperto de mão o ministro Moreira Alves assume, amanhã, o comando do País. Quando o presidente José Sarney embarcar, às 18 horas, com destino a Roma, o Brasil vai lançar mão de um mecanismo constitucional que so foi utilizado uma vez na história da República, em 1945: ter o presidente do Supremo Tribunal Federal na Presidência da República.

Numa situação bastante peculiar — que começa pela ausência de um vice-presidente na hierarquia do poder — o presidente José Sarney será substituído a partir de amanhã e em todas as suas viagens internacionais, este ano, pelo último nome na linha de sucessão prevista pela Constituição. O primeiro seria o presidente da Câmara e depois o do Senado. Mas tanto o deputado Ulysses Guimarães como o senador José Fragelli pretendem concorrer nas próximas eleições de novembro e tiveram que abrir mão do poder de alguns dias, o que os tornaria inelegíveis.

Mas, o ministro Moreira Alves, personagem principal dessa história inusitada, está tranquilo

e encara com naturalidade esta situação de exceção. Quando, no meio da última semana, foi procurado pelo chefe do cerimonial do Palácio do Planalto, embaixador Alves de Souza, para conhecer o conselheiro Júlio César — que responderá pelo serviço estes dias — e receber instruções sobre o protocolo que deveria cumprir no ato de transmissão do cargo, respondeu, bem-humorado, que dispensava os detalhes. Ele já conhecia a cerimônia, que presenciara tantas vezes.

Na verdade, o cerimonial é bem simples. Já na Base Aérea, na sala do Presidente e na presença de todos os ministros de Estado acompanhados de suas esposas, um simples aperto de mão do Presidente simboliza a transmissão do cargo. Depois, apenas as despedidas e a revista às tropas, feita pelos dois presidentes.

Também durante os três dias e meio de permanência no Palácio do Planalto o ministro Moreira Alves não deve ter muitos problemas. Segundo os assessores da Presidência, ele só terá que manter a rotina: despachos diários com ministros da Casa e audiências com os demais ministros. As reuniões dos Conselhos Econômico e Político estão, a princípio, suspensas. E a sanção de leis, cujos prazos se esgotam neste período, serão providenciadas, antes do embarque, pelo próprio presidente Sarney.

Aliás, os últimos atos do presidente José Sarney antes de sua visita a Roma não devem ser de sanções, mas de vetos. Segundo informações de fontes da Presidência da República, ele vai rejeitar integralmente os projetos aprovados pela Câmara e Senado, de estabelecer pisos salariais para as categorias profissionais de jornalista e advogado. Para completar o último dia não muito agradável de permanência no Brasil, o presidente Sarney deve nomear o novo presidente da Empresa Brasileira de Notícias (EBN). A contragosto ele aceitou, na última sexta-feira, o pedido de demissão do jornalista Carlos Marchi, que se incompatibilizou com o ministro da Justiça, Paulo Brossard. Seu desagrado ele manifestou no comentário a assessores: quer que Carlos Marchi continue, em outro cargo, integrando sua equipe de Governo.



Discrição de substituto

Quando assumir amanhã a presidência da República, o ministro do STF, José Carlos Moreira Alves, diz que vai se comportar no cargo com a discrição própria de um substituto, «pois em três dias será impossível imprimir um tom pessoal». Paulista de Taubaté, 53 anos, Moreira Alves mudou-se aos quatro anos para o Rio de Janeiro, concluindo o curso científico no Instituto Lafayette, em 1950. No ano seguinte, entrou para a Faculdade Nacional de Direito, formando-se em 1955. Em 1961, concluiu doutorado com uma tese sobre Direito Romano, disciplina que lecionou na USP, ao mudar-se para São Paulo em 1968.

De 1972 a 1975 exerceu o cargo de procurador-geral da República, sendo indicado para o STF durante o governo Geisel em 1975. Neste mesmo ano, deixou o Banco do Brasil, onde exercia o cargo de advogado desde 1963. Poliglota, Moreira Alves lê em seis línguas — Francês, Inglês, Espanhol, Alemão e Latim.

Sarney verá crise italiana

Memélia Moreira Enviada especial

Roma — Os termômetros marcam 25 graus à sombra. Há um calor abafado nesse verão romano. A temperatura política está mais alta ainda. Há duas semanas a Itália vive sem chefe de governo. Bettino Craxi, primeiro-ministro, caiu no dia 26 de junho e, até agora, os cinco partidos que formam a coligação que está no poder ainda não conseguiram encontrar um substituto. A tendência é o seu retorno.

É no meio dessa crise de governo que o presidente Sarney desembarca em Roma dentro de três dias. Sua viagem e de caráter privado, mas, mesmo assim, há situações interessantes, que o protocolo diplomático coça a cabeça para dar um caráter de normalidade. É preciso explicar que a preocupação e dos diplomatas brasileiros. Para os italianos, nenhum problema. Eles estão acostumados a ficar sem chefe de governo. Craxi foi o único primeiro-ministro, nesses últimos 30 anos que conseguiu governar mais de dois anos. Ele assumiu em 83 e ficou até o final de junho, podendo voltar.

No programa de visita do presidente Sarney há um encontro particular entre o nosso presidente da República e Francesco Cossiga, presidente italiano. No programa anterior constava também um encontro com Craxi. Essa visita foi cancelada. Apesar disso, nada impede uma "visita de cortesia" de Craxi a Sarney, no Hotel Excelsior, onde se hospedará a comitiva brasileira.

Confusa

Os principais assessores do parlamento italiano sorriem quando os jornalistas brasileiros tentam entender a crise e seus desdobramentos. Ontem, durante entrevista concedida a três jornalistas do Brasil, o assessor de imprensa da Câmara dos Deputados Francesco Massei, ao ser indagado qual o objetivo que usaria para explicar o clima político a ser encontrado pelo presidente Sarney, ele resumiu tudo numa só palavra: "Confusa"; disse Massei, informando em seguida a situação política dos partidos que formam a coligação. Essa coligação merece

aqui o nome de "penta-partido" e é integrada pelo Partido socialista italiano, com 12 por cento dos representantes no Parlamento e ao qual pertence Craxi; Democracia cristã, com 38 por cento; Partido Socialista Democrático Italiano, com três e meio por cento; Partido Republicano, com cinco por cento, e Partido Liberal, com dois e meio por cento.

A solução apontada ontem para encaminhar as negociações de escolha do futuro primeiro-ministro foi designação do senador Amintore Fanfani para um "mandato-explorativo", termo empregado pelos italianos para classificar a função de consultoria entregue a Fanfani, da Democracia Cristã, junto aos demais partidos. Sem prazo pre-estabelecido, Fanfani vai conversar com os cinco partidos que apontarão seus candidatos à chefia do Governo. Os mais cotados são: o próprio Craxi, Arnaldo Forlani, democrata-cristão; Giulio Andreotti, também democrata-cristão; Giovanni Spadolini, ministro da Defesa e do Partido Republicano, e Ciriaco de Mittera, secretário-geral do poderoso Democrazia Cristã.

Essa crise coloca a chegada do presidente José Sarney à Itália em segundo plano. Nenhum dos 15 jornais que circulam no País fez referências à chegada do presidente do Brasil. Isso favorece os planos de Sarney. Ele não queria publicidade para essa viagem, por ser de caráter privado e está conseguindo. Pelo menos, em Roma.

Sem crise

Enquanto isso, no país vizinho, o Vaticano, encravado em Roma, na margem direita do Rio Tibre, por onde há mais de 30 séculos romanos, e antes os etruscos, construíram as bases da civilização ocidental, tudo está na "santa paz do senhor". O chefe do Estado se encontra viajando. João Paulo II foi à Colômbia e so chega na véspera do desembarque de Sarney. Mas sua situação é tão privilegiada que ele nem precisa transmitir o cargo. Em qualquer ponto do planeta ele

continua sendo o chefe dos católicos, sucessor de São Pedro. Seu lugar e vitalício e o vice (no caso, o camerlengo, cargo exercido por Dom Sebastiano Baggio, ex-nuncio apostólico no Brasil) só assume em caso de morte.

As intrigas políticas do Vaticano, sempre suspeitadas, mas jamais ditas em voz alta, se escondem sob os muros da cidade-estado. É a Praça São Pedro, com seus milhares de turistas, católicos, xintoístas, judeus, frente ao Estado que se instala em todas as fronteiras, e o ponto de peregrinação do mundo inteiro que quer ver as riquezas da Capela Sistina ou, quem sabe, desvendar o segredo de um governo que vive sem exercitos e soberano.

No Vaticano já existe uma certa curiosidade pela chegada de José Sarney, o presidente do Brasil vem na qualidade de chefe do Governo de um país com cem milhões de pessoas batizadas, numa população de 135 milhões, ou seja, 13 por cento dos católicos do mundo inteiro estão no Brasil, o que confere ao presidente Sarney uma importância grande junto aos católicos jornalistas credenciados junto à Salla di Stampa (comitê de imprensa) do Vaticano.

A maioria desses jornalistas já ouviu os rumores sobre a conversa entre Sarney e o Papa. Indagam sobre a reforma agrária e ficam descontentes quando descobrem que não haverá entrevista coletiva após a conversa dos dois. Eles são repórteres já idosos. Alguns cobrem o Vaticano há 30 anos e estão curiosos sobre a visita do presidente Sarney. Demonstram interesse pelos problemas brasileiros e, por cortesia, perguntam se ainda estamos tristes com a derrota no campeonato mundial.

Sarney só vai ao Vaticano no último dia de sua viagem, na próxima quinta-feira mas, apesar disso, ele é mais esperado na Santa Sé do que em Roma, onde chega terça-feira no Aeroporto Militar de Ciampino, às 11 da manhã, horário italiano.

Missa indica importância da visita

"O Papa sabe que o episcopado brasileiro apoia as reformas sociais e constitucionais planejadas pelo Governo e condena o recurso à violência, qualquer que seja a origem". Este é um trecho da reportagem de Federico Mandillo, distribuída pela agência italiana Ansa, nesta semana, a respeito da viagem do presidente José Sarney ao Vaticano.

Na reportagem, é lembrada a importância do fato do Presidente brasileiro ser recebido para a missa particular do Papa, exceção não-concedida, há muito tempo, a chefes de Estado, a não ser há três anos, aos reis João Carlos e Sofia, da Espanha, e as-

sim mesmo quando se encontravam em Roma na condição de peregrinos, para as comemorações do Jubileu da Redenção.

A pequena capela onde o Papa reza as missas particulares está localizada no terceiro andar do Palácio Papal, no Vaticano, e é dedicada a São João Batista, sendo decorada "por artistas modernos mas com muita sobriedade", por desejo de João Paulo II. Serão poucos os convidados a assistirem à missa papal, no próximo dia 10, a partir das 12h20, horário italiano.

Segundo o despacho da agência Ansa, o presidente Sarney e conhecido em Roma como "um católico praticante, que nunca

esconde a religiosidade, mesmo em meio a uma intensa atividade pública, e que não se esquece de participar dos rituais cristãos, mesmo nos momentos de maior preocupação". Por este motivo, ele será admitido na "capela mais do que reservada".

De acordo com a reportagem, o Vaticano desmentiu as versões apresentadas de que poderia haver uma "negociação política" nesta viagem de Sarney ao Vaticano. A agência lembra que, no entanto, "o Papa já conhece os principais problemas sociais e morais do Brasil e está a par das preocupações do episcopado local diante da difícil aplicação das reformas sociais".